

O ENSINO DE HISTÓRIA EM BURITI DOS LOPES: uma reflexão sobre a construção de sujeitos mais conscientes do seu dever político e social.

Francisca Izabel de Sousa Neta¹

Resumo

Este trabalho é fruto de um estudo de caso realizado em uma escola da rede pública municipal, na cidade de Buriti dos Lopes, nas séries do 4º e do 5º do Ensino Fundamental, no sentido de fazer uma análise da importância do Ensino de História na formação de sujeitos conscientes do seu dever político. Assim como discutir sobre o uso do livro didático, as metodologias aplicadas e o significado atribuído por professores e alunos à disciplina de História. Entendendo a História como forma de conhecer o passado, para dessa maneira compreender melhor o presente, atuando e transformando o meio social de forma crítica, ou seja, pensando acerca das suas atitudes e de sua influência para todos a sua volta.

Palavras chaves: Ensino de História- Professor- Livro didático

Introdução

A História por ser um tema também subjetivo, não pode ser interpretada como um estudo de pouca ou nenhuma importância, pois é preciso entender que ela faz parte da vida social do ser humano, uma vez que ao interferimos no curso da vida, construímos (ou destruímos) valores, crenças, governos, tecnologias, sempre tentando adaptar a realidade segundo nossas próprias necessidades.

Por entender a História como ponto de partida para atuar de forma mais consciente na sociedade este estudo analisou a importância da História na construção de sujeitos conscientes de seu dever político na sociedade. Bem como entender como o Ensino de História é visto na perspectiva de professores e alunos, as metodologias e os recursos didáticos utilizados no processo de ensino aprendizagem. Para isso utilizamos a entrevista semi-estruturada e análise de documentos (artigos e livros sobre o tema e os PCNs de história e geografia) como instrumentos de técnicas de pesquisa, os quais correspondem aos objetivos desse trabalho.

¹Francisca Izabel de Sousa Neta. Aluna graduanda do curso de Licenciatura em Pedagogia/UFPI. france_buriti@hotmail.com.

Durante muito tempo o Ensino de História no Brasil se restringia a decorar datas e acontecimentos, tornando-o monótono tanto por parte dos alunos quanto do professor que se sentiam (ou se sentem) desestimulados com o ensino-aprendizagem da disciplina. Pautada também numa visão unilateral de heróis e vilões, que em muitos casos enfatizava (ou enfatiza ainda) os feitos de uma única pessoa ou de um grupo de pessoas pertencentes a uma elite social, sem fazer uma reflexão mais crítica sobre os acontecimentos do passado. No entanto essa forma de ver a História em nada contribui para a formação de cidadãos mais críticos que saibam refletir sobre os acontecimentos históricos, na busca de um melhor entendimento sobre as transformações que estes acontecimentos geraram na nova ordem mundial (social). E atuar como sujeitos que “transformam e se transformam” na sociedade em que vivem. Dessa maneira:

Parece até que o tempo parou, pelo menos em alguns currículos escolares e respectivas práticas pedagógicas. Estudar o passado como fim em si mesmo, memorizar fragmentos factuais e a mera descrição espacial da realidade, privilegiar uma visão elitista na ênfase da ação de indivíduos, omitir as forças da política que participam dos embates sociais, a chatice e a consequente desmotivação de professores e alunos que não se reconhecem nos assuntos estudados, são motivos, mais que suficientes, para que essa História seja progressiva e decididamente afastada das escolas. Trata-se de da cultura mais absolutamente inútil que serve de armadilha para os desavisados e de terreno fértil para os mal intencionados. (RIBEIRO E MARQUES, 2001, P.18).

Apesar de o Ensino da História ainda ser compreendido, em muitos casos como uma disciplina meramente decorativa, sem muita importância, no intuito de uma melhor compreensão do estudo da disciplina professores e professoras têm buscado através de vídeos e textos complementares trazer de novas e diferentes informações, não se restringindo ao livro didático. Informações essas que são (ou como deveriam ser) debatidas em sala de aula, pois nada adianta informar sobre determinado dado, por exemplo, é preciso que haja dinamismo nas aulas, ou seja, indagar o porquê daquele ocorrido.

Diante do exposto o educador exerce uma função muito importante nessa construção do saber histórico. Um saber que leve o aluno a pensar na importância que a História tem em sua vida, no intuito de não só valorizar e preservar um passado que

também lhe diz respeito, mas também na construção de seus valores e da sua forma de ver e de ler o mundo ao seu redor. Assim:

(...) competente é o professor que, sentido-se politicamente comprometido com seu aluno, conhece e utiliza adequadamente os recursos capazes de lhe propiciar uma aprendizagem real e plena de sentido. Competente é o professor que tudo faz para tornar seu aluno um cidadão crítico e bem informado, em condições de compreender e atuar no mundo em que vive. (MOYSÉS, 1994, P.3).

Dessa forma pretende-se refletir sobre as metodologias usadas para explorar a disciplina, bem como o papel do livro didático no auxílio do ensino-aprendizagem na sala de aula. Suas contribuições e críticas. A importância atribuída pelos professores das series iniciais do ensino fundamental ao Ensino de História, como o mesmo tem influenciado no pensamento crítico dos alunos, e dessa forma entender se o Ensino de História tem contribuído para a formação de sujeitos conscientes de seu dever político.

Para tanto se objetivou identificar as práticas pedagógicas do Ensino de História, no intuito de analisar como as metodologias de ensino influenciam na construção do saber histórico e o uso dos recursos didáticos, enquanto ferramentas de compreensão e transformação social. Assim como fazer uma análise do livro didático como ferramenta de ensino, incluindo uma investigação dos diferentes significados atribuídos por parte dos (das) professores (as) e alunos (as) à disciplina de História identificando as dificuldades enfrentadas pelos mesmos no processo de ensino-aprendizagem do Ensino de História.

Devida à importância de se pensar acerca do Ensino de História, na formação dos educandos é que os PCNs (Parâmetros Curriculares Nacionais) trazem princípios, conceitos e orientações para que “os docentes realizem atividades as quais façam com que o aluno consiga fazer leituras críticas dos espaços, das culturas, e do seu cotidiano. (BRASIL, 1997,P.17). Ou seja, atividades que possibilitem o discente interpretar o mundo a sua volta emitindo uma opinião (julgamento crítico, sobre os fatos relatados), entretanto, ao se deparar com a realidade o que se encontra em alguns casos são aulas puramente expositivas, em que há apenas o relato dos acontecimentos históricos, estudados sem que haja um questionamento por parte do professor ou do aluno. Exatamente por o Ensino de História em muitas escolas seguir uma visão linear. Chamada de tradicional pelos PCNs, onde segundo os mesmos:

A apresentação do processo histórico, como seriação dos acontecimentos num eixo espaço-temporal europocêntrico, seguindo um processo evolutivo e seqüência de etapas que cumpriam uma trajetória obrigatória, foi denunciada como redutora da capacidade do aluno, como sujeito comum, de sentir parte integrante e agente de uma história que desconsiderava sua vivência, e era apresentada como um produto pronto e acabado. (BRSIL, 1997 p.28/29).

Nessa perspectiva, é como se cada fato histórico tivesse um começo um meio e um fim igual em todas as partes do mundo, exatamente por estar baseado na história dos povos europeus. Esquecendo que ela passa por processos contínuos, construídos (e desconstruídos) diariamente. Diferente da história crítica que ver o aluno como um ser participante, que constrói a sua história. Entretanto se ver ainda alunos que apenas escutam e não participam ou participam pouco dessa construção do saber histórico, por o ensino ainda ser centrado na visão em que o professor é o “dono do saber”. Sendo que ao terminar de expor o assunto, logo em seguida escreve a atividade no quadro, ou então, os alunos respondem os exercícios do livro, em que apenas transcrevem as respostas sem haver um debate sobre as questões propostas pelo livro didático ou pelo próprio professor, que é quem deveria instigar-los a fazer essa discursão. Constituindo assim num erro, pois:

(...) trata-se de enfatizar que o conhecimento histórico deve ser orientado no sentido de indagar a relação dos sujeitos com os seus objetos de conhecimento, provocando seu posicionamento, questionando as formas de existência humana e promovendo a redefinição dos posicionamentos de sujeitos no mundo em que vivem. A partir disso, é preciso considerar que a produção do saber histórico evidencia-se como instrumento de leitura do mundo e não mera disciplina. (KNAUSS, 2001, p.28)

Isso significa interpretar a disciplina de História como um componente curricular que estivesse ali apenas para enfeitar o currículo escolar. A qual os alunos precisam ver para passar de ano ou no vestibular. Causando desinteresse aos mesmos que preferem praticar algum esporte por “achar mais divertido” ou então, estar em outros espaços que não sejam a sala de aula. Poucos são os que respondem que preferem estudar. Ao invés de entenderem que o seu conhecimento possibilita indagar sobre os acontecimentos históricos no interesse de provocar mudanças, de rever certos conceitos, a partir das suas avaliações da atualidade na sociedade em que vivem buscando suas próprias interpretações. Nesses termos:

O conhecimento histórico não está pronto, acabado, não é verdade absoluta, mas construção temporal, parcial seletiva, incompleta, que possibilita múltiplas leituras e interpretações. Logo professores e alunos participam do

trabalho de leituras e escritas, investigação e crítica. São também construtores de conhecimentos. (FONSECA, 2009, p.7).

Ao se indagar sobre o acesso e uso dos PCNs relatou-se que quando são utilizados são feitas algumas adaptações, por considerá-los muito “fantasiosos” distantes da realidade brasileira. Apesar de conterem algumas críticas a seu respeito não se pode menosprezar o seu uso, justamente por conter informações e sugestões de atividades onde a utilização das mesmas ajuda no trabalho docente. Ressaltando a importância de se levar em consideração o que o educando já sabe sobre o assunto trabalhado, para assim vir a refletir sobre as novas informações que lhe são postas. Como também o significado que eles atribuem às escolas e ao próprio ensino, uma vez que para os alunos a escola deveria ter uma estrutura física mais adequada com salas de computação para fazer pesquisas sobre o assunto estudado. Assim:

Nesse sentido, é importante que o professor crie situações rotineiras, nas aulas, de atitudes questionadoras diante dos acontecimentos e das ações dos sujeitos históricos, possibilitando que sejam interpretados e compreendidos a partir das relações de (contradições ou de identidade) que estabelecem com outros sujeitos e outros acontecimentos do seu próprio tempo e de outros tempos e outros lugares, isto é, relações que se estabelecem suas diferenças, suas proximidades, suas dependências, suas continuidades. As explicações dos alunos para os questionamentos devem considerar, assim, uma multiplicidade de entendimentos, de abrangências, de confrontamentos e de relações, revelando tramas conflituosas para a história estudada. (BRASIL, 1997, p.78).

Ao entrevistar uma profissional dessa área, apesar de responder que questiona os alunos sobre o assunto trabalhado, o que se observa nas salas de aulas, nas suas atitudes, é o contrário ao relatado pela docente. Uma vez que a professora não permite ou não estimula muito a participação do educando nas aulas, cabendo ao aluno, ficar quieto e escutando tudo. O que causa desinteresse por parte dos discentes, que preferem outras disciplinas como a matemática por ser menos monótona, apesar de responderem que consideram a professora de História excelente, talvez por não entenderem muito o real valor da disciplina para a sua formação. Segundo Libâneo:

A característica mais importante da atividade profissional do professor é a mediação entre o aluno e a sociedade, entre as condições de origem do aluno e sua destinação social na sociedade, papel que cumpre provendo as condições e os meios (conhecimento, métodos, organização, de ensino) que assegura em o encontro do aluno com os materiais de estudo. Para isso planeja, desenvolve suas aulas e avalia o processo de ensino. (LIBÂNEO, 1994, p.47).

Dessa forma, o educador deve ao explicar um determinado assunto saber contextualiza-lo, ou seja, trazer para a realidade dos alunos, no intuito que compreendam os conhecimentos trabalhados na escola para assim utilizá-los na luta a favor de uma sociedade mais justa e igualitária. Pois este é um dos principais objetivos da escola, junto com o ensino-aprendizagem, educar para a cidadania, para formar sujeitos os quais compreendam o seu papel político na sociedade. Bem como levar em consideração o que o aluno já sabe, ou entende sobre o tema abordado. E vai ser a partir das reflexões que o educador faz dos conteúdos ministrados que os discentes vão ter de fato um olhar crítico sobre o mundo onde vive. Segundo Rocha (2001, p.61): “o aluno não é uma tabula rasa, onde se podem imprimir conhecimentos. Há que se levar em conta, pois, todo um acúmulo anterior, sobre tudo na forma como trabalha a informação”.

Trazendo para o Ensino de História é ir além da simples memorização de datas, de heróis mostrados pela disciplina, é levar em consideração, por exemplo, as lutas das classes populares o porquê das suas reivindicações, quem os liderava, pedindo para os discentes compararem com as manifestações atuais, perguntar, por exemplo, se os objetivos são os mesmos daquela época. Pois a partir do momento que o professor mostrar em suas aulas uma outra perspectiva, além daquela a qual se fixam na História das elites que apenas se preocuparam com os seus interesses, os educandos poderão assim se identificar mais com os conteúdos trabalhados. Um exemplo de se trabalhar tendo como foco as elites sociais é quando o professor vai falar sobre os heróis nacionais, que muitas vezes vinham das classes mais favorecidas acabando por desconsiderar também o seu contexto histórico como um todo. Uma vez que não se levava em conta os interesses das classes menos favorecidas. Nas palavras de Rocha (2001 p.56): “uma História linear, causal, evolutiva, política, dos vencedores, dos heróis, que constituem, no seu conjunto, o alvo de preferência desse professor”.

Nesse processo de ensino-aprendizado vale ressaltar as contribuições do construtivismo de Piaget e do sociointeracionismo de Vygotsky, cada uma dessas teorias tem como objetivo comum formar para a cidadania como já foi comentado. Complementa Nemi (2009):

Vygotsky, assim como Piaget, é um pensador interacionista, mas não tão voltado para as etapas do desenvolvimento cognitivo. Sua questão central é a

aquisição de conhecimentos pela interação do sujeito com o meio, por isso ele é chamado sociointeracionista, e não apenas interacionista, como Piaget. (p.39).

Para Piaget (1988) as pessoas passam por fases as quais estão relacionadas segundo sua teoria com o desenvolvimento da área do conhecimento sendo que o educador deve estar presente ajudando o educando nessa construção do saber. Já Vygotsky (2010), centrou-se mais na interação do sujeito com o meio em que vive, ou seja, as experiências e os conceitos que adquire na convivência com outras pessoas do seu convívio social.

Nessa perspectiva, Vygotsky elaborou uma metodologia de ensino denominada sócio-histórica na qual segundo Nemi (2009, 41.) Entende o homem numa concepção sócio-histórica, ou seja, ele estar situado em sociedade por meio de relações histórico-culturais e sociais que estabelece. A partir de tal interação o homem se apropria do seu significado.

Dessa forma é preciso pensar nessas relações do ser humano com o espaço que ocupa as mudanças, os interesses, as consequências tanto para o próprio indivíduo como para todos a sua volta. Essas questões podem ser discutidas com os discentes, mostrando como essas relações ocorrem debatendo como elas podem interferir no meio social. No entanto não é o que se vê nas salas de aulas, onde o docente até explica sobre essas relações, mas não promove um questionamento maior com seus alunos.

Nesse processo de ensino-aprendizagem é preciso pensar no papel do livro didático, pois ao ser utilizado é necessário ter alguns cuidados. Apesar dele não ser em muitos casos, o único instrumento a ser adotado em sala de aula ele pode ser segundo Lajolo “decisivo para a qualidade do aprendizado resultante das atividades escolares” (p.04, 1996), ou seja, devido sua importância o livro didático acaba sendo um dos principais meios de acesso ao conhecimento. Por isso o professor deve estar atento à sua linguagem às informações trazidas às gravuras, pois tudo isso influencia no ensino-aprendizagem do aluno.

Tendo em mente que por se constituir em dos principais instrumentos de trabalho, uma vez que, devido aos poucos recursos didáticos os quais o professor possui, em países como Brasil, ele acaba estabelecendo conteúdos e adequando estratégia de ensino. Por isso se torna importante que haja tanto na sua escolha, quanto no seu uso em sala de aula, um planejamento na sua utilização, no que diz respeito aos

conteúdos e condutas as quais ele trabalha. Porque só dessa maneira o professor vai fazer a mediação ou a transição entre o conhecimento de mundo trazido pelos educandos.

Como também precisa prestar atenção para não passar informações erradas como xale escrito com ch, nem transmitir, por exemplo, condutas ou valores não éticos e imorais que acabem transformando os alunos em sujeitos que não saibam ou não entendam a necessidade de se respeitar os seus semelhantes. Em vez de educar para formar pessoas com condutas mais humanas, valorizando mais o respeito para com seus semelhantes. Por isso o professor necessita fazer uma leitura crítica sob todos os seus aspectos, desde a capa até ao que está escrito, observando suas gravuras. Pois tudo isso vai influenciar no seu uso, porque vai ser a partir dessa análise feita pelo educador que o livro didático poderá ser mais bem aproveitado nas salas de aula. Assim segundo Lajolo (1996, p.08): “Não existe livro à prova do professor: o pior livro pode ficar bom na aula de um bom professor e o melhor livro pode desandar na aula de um mau professor. Pois o livro repita-se mais uma *é somente* um livro, ferramenta auxiliar da aprendizagem”.

Entretanto o que se observa nas escolas são professores que utilizam o livro didático como principal ferramenta de trabalho sem refletir sobre os conteúdos trazidos por ele, sem muitas vezes ter o cuidado de fazer adaptações ao seu uso quando necessário. O que ainda há é a preocupação em ir atrás de outras fontes para levar exercícios diferentes daqueles trazidos pelo livro adotado na escola. Segundo Nemi (2009):

O livro didático, por si só, não garante o trabalho de construção dos conceitos fundamentais em História nem a ampliação do universo infantil. Normalmente, ele é fechado, restrito aos objetivos do autor e, por isso, não pode ser aplicado a todas as realidades sociais do país. (p.87).

Dessa forma o professor não pode se apoiar apenas no livro didático como único instrumento de ensino, ele deve também tentar buscar outros recursos didáticos, como também ao trabalhá-los, é preciso ter em mente a necessidade de adaptá-los quando necessário, a realidade do aluno; um livro adotado em diferentes estados brasileiros vai segundo a própria Nemi (2009) “exigir do próprio docente um planejamento o qual delimite, estratégias de ensino que façam com que os alunos entendam o assunto abordado”.

2- A CONSTRUÇÃO DE SUJEITOS CRÍTICOS A PARTIR DO ENSINO DE HISTÓRIA

Para que o professor consiga trabalhar de maneira crítica é necessário que ele planeje suas aulas indagando-se sobre como suas aulas vão influenciar no pensamento crítico do aluno. Nessa perspectiva:

Quando se transita pelas escolas, no acompanhamento de estágios ou na realização de pesquisa, muitos dados vão emergindo. Os professores, de um lado, reclamam de alunos passivos para o conhecimento, sem curiosidade, sem interesse, desatentos, que desafiam sua autoridade, sendo zombeteiros e irreverentes. Denunciam também, o excesso e a complexidade dos conteúdos a ministrar nas aulas de História, os quais são abstratos e distantes do universo de significação das crianças e dos adolescentes. Os alunos, de outro lado, reivindicam um ensino mais significativo, articulado com sua experiência cotidiana, um professor “legal”, “amigo” menos autoritário, que lhes exija menos esforço de memorização e que faça da aula um momento agradável. (CAIMI, 2006, p.18/19).

Cada um, professor e aluno se defendem falando sobre o próprio sistema educacional, onde o mesmo também não colabora muito no que se refere à maneira como os conteúdos curriculares estão elaborados. Notando assim um prejuízo no ensino das próprias escolas onde os professores se mostram desmotivados também pela falta de interesse dos alunos, assim como estes também reclamam da falta de contextualização das aulas com sua rotina de vida. E de um ensino muito rígido por parte dos professores, embora seja importante compreender o que são professores “rígidos” e professores “amigos” para que os estudantes não confundam amizade com libertinagem achando que podem fazer o que bem querem. Mas o educador deve ter em mente que não basta apenas impor sua autoridade é preciso existir uma relação de respeito entre ambos, professor e aluno.

Para que isso ocorra o educador precisa pensar e repensar sobre sua ação docente. Segundo Serrazina e Oliveira (1998):

O conceito de prática reflexiva surge como um modo possível dos professores interrogarem as suas práticas de ensino. A reflexão fornece oportunidades para voltar atrás e rever acontecimentos e práticas. A expressão ‘prática reflexiva’ aparece muitas vezes associada à investigação sobre as práticas. Uma prática reflexiva confere poder aos professores e proporciona oportunidades para o seu desenvolvimento. A insatisfação sentida por muitos educadores com sua preparação profissional, que não contempla determinados aspectos da prática, tem conduzido a movimentos de reflexão e de desenvolvimento do pensamento sobre as práticas (p.29).

Dessa forma, o educador percebe o que precisa melhorar na sua prática docente, o que deve manter o que não convém fazer, mas sempre buscando compreender melhor o seu trabalho como também alternativas e soluções aos desafios que lhes são postos realizando questionamentos sobre a educação como um todo.

Dessa maneira o professor precisa entender que o Ensino de História deve ser trabalhado de forma que faça um paralelo com a atualidade, em que:

Trata-se agora de buscar novos objetos que não sejam os heróis do passado e não necessariamente o jogo frio da luta de classes pelo domínio do poder político e das estruturas econômicas. Objetiva-se agora então resgatar o sujeito em sua cotidianidade no contexto social onde está inserido. Pretende-se, agora, valorizar o presente, os desafios humanos atuais, as preocupações mais urgentes da humanidade. A centralidade nos desafios atuais dão outra perspectiva ao estudo do passado, reconhecido agora como memória histórica e patrimônio cultural resgatando numa nova abordagem, como tarefa da emancipação humana sobre a Terra. (RIBEIRO E MARQUÊS, 2001, p.22).

Assim o estudo dos acontecimentos históricos deve servir como base para pensar e agir de forma crítica sobre os desafios e problemas existentes na atualidade, buscando assim não apenas compreender o presente, mas também construir um futuro diferente. Onde dessa forma, pode-se compreender que o pensamento histórico é um fenômeno acima de tudo pertencente ao cotidiano e está, portanto ligado à condição humana, ou seja, é através das suas atitudes, interpretações e do significado que vai atribuindo a sua realidade que o ser humano vai buscando modificar o meio social que faz parte.

Por isso mesmo o docente deve trazer a realidade que o discente vive para a sala de aula, fazendo com que se identifique no tema estudado, de forma que o discente entenda a História como uma prática social feitas por todos, homens, mulheres e crianças. A escola para tanto precisa fazer sentido para o aluno. O qual ver como uma escola adequada para a aprendizagem, um local onde a estrutura física conta, com sala de informática não só para fazer pesquisas sobre o tema estudado, mas também, através da orientação do professor, buscar jogos educativos, onde os mesmo possam contribuir no processo de ensino-aprendizagem dos educandos. Com também uma biblioteca repleta de livros com gravuras, livros estes que o educador pode utilizar em suas aulas como uma maneira de atrair o interesse dos educandos. Aulas essas em que os alunos participassem mais, se vendo no assunto trabalhado.

Portanto ao analisar como a disciplina de História é vista e trabalhada pode-se perceber que embora sua importância esteja voltada para a formação de pessoas mais conscientes da sua atuação política na sociedade em que vivem. Ainda encontramos professores pouco reflexivo, onde apenas explicam os assuntos sem haver um posicionamento crítico, ou seja, sem perguntar, por exemplo, o que os alunos pensam a respeito do assunto. Pois vai ser a partir das reflexões feitas por professor e alunos, que haverá uma melhor compreensão do presente. Por isso ao se trabalhar um determinado assunto, o educador precisa ter o cuidado de fazer sempre um paralelo com atualidade, ou seja, entendendo o Ensino de História como uma forma de pensar e atuar sobre o presente, de forma crítica, buscando modificá-lo para construir um futuro diferente.

Questionando também acerca do uso do livro didático, o qual tem como função, auxiliar no processo de ensino-aprendizagem, cabendo ao educador fazer sempre que preciso adaptações na sua utilização, bem como críticas a organização das idéias e dos conteúdos trazidos pelo livro didático. Para dessa forma não fazer uso indevido do mesmo, correndo o risco de comprometer a qualidade do ensino, uma vez que o livro didático pode trazer desde erros gramaticais a idéias preconceituosas.

O professor precisa ter a preocupação também de partir da própria realidade do aluno, das vivências trazidas possibilitando ao mesmo uma melhor compreensão dos conteúdos ensinados. Assim ao se pensar no Ensino de História, é necessário ver a disciplina, muito além da simples memorização de datas e fatos históricos. Enxergando-a de maneira que o seu estudo faça sentido não só para o aluno, mas também para o próprio educador que ao ensinar História, tenha-se em mente que ela não existe apenas para preencher o currículo escolar. O professor precisa interpretá-la de forma reflexiva, indagando-se sobre sua verdadeira importância para toda a humanidade.

Por isso faz necessário questionar se as escolas estão de fato cumprindo com um dos seus papéis, o de formar indivíduos que saibam atuar de forma crítica no mundo a sua volta. Pois de nada adianta ministrar um conteúdo se o mesmo servir apenas como meio de alienar os alunos. Assim o Ensino de História precisa ser pensado como algo sério, o qual deve contribuir dessa forma como instrumento de mudança social, possibilitando através das suas atitudes modificarem a sociedade em que vive. Tornando-a mais justa para todos.

Referência Bibliográfica:

BRASIL, Secretaria de Educação Fundamental. **Parâmetros Curriculares Nacionais [PCN]: História e Geografia/ Secretaria de Educação Fundamental-Brasília: MEC/SEF, 1997.**

LIBÂNEO, José Carlos. **Didática**. São Paulo: Cortez, (coleção Magistério 2º grau. Série formação do professor). 1994.

LAJOLO, Marisa. **LIVRO DIDÁTICO: um (quase) manual de usuário**. 1996. Disponível em < <http://www.google.acadêmico.com.br> > Acesso em: 10 de outubro de 2011.

OLIVEIRA, Isolina, SERRAZINA, Lurdes. **A reflexão e o professor como investigador**. 1998. Disponível em: < <http://www.google.acadêmico.com.br> > Acesso em 10 de outubro de 2011.

CAIMI, Flávia Eloísa. **Porque os alunos (não) aprendem história? Reflexões sobre, aprendizagem e formação de professores de História**. 2006. Disponível em: < <http://www.google.acadêmico.com.br/> > Acesso em 10 de outubro de 2011.

NEMI, Ana, MARTINS, João Carlos, ESCANHUELA, Diego Luiz. **Ensino de história e experiências: o tempo vivido: volume único: livro do professor-1ª ed.** - São Paulo: FTD, 2009.

FONSECA, Selva Guimarães. **Fazer e Ensinar História**. - Belo Horizonte 1ª ed., Dimensão, 2009.

RIBEIRO, Luís Távora Furtado, MARQUES, Marcelo Santos, **Ensino de história e geografia**. 2ª ed. Fortaleza: Brasil Tropical. 2009.

KNAUSS, Paulo. **SOBRE A NORMA E O ÓBVIO: a sala de aula como lugar de pesquisa**. In SÔNIA, M. Leite Nikitiuk (org.). **Repensando o ensino de história**. 4ª ed. São Paulo, Cortez, 2001.

ROCHA, Ubiratan. **Reconstruindo a História a partir do imaginário do aluno**. In SÔNIA, M. Leite Nikitiuk (org.). **Repensando o ensino de história**. 4ª ed. São Paulo, Cortez, 2001.

PIAGET, Jean. **Para onde vai a educação?** Trad. Ivete Braga, 9ª ed. Rio de Janeiro: José Olympio. 1988.

MOYSÉS, Lúcia Maria. **O desafio de saber ensinar**. Campinas: Papyrus, 1994.

VIGOTSKII, Lev Semenovich, ALEXANDER, Romanovich Luria, ALEXIS, N. Lentiev. **Linguagem, Desenvolvimento e Aprendizagem**. Trad. Maria Pena Villalobos. 11ª ed. São Paulo: Ícone, 2010. (coleção Educação Crítica).

